

Política no lugar da medicina

FOTOS: DÉBORA AMORIM

ATENDIMENTO NO HRAN É AFETADO POR BRIGAS IDEOLÓGICAS, MESMO ASSIM, EM ALGUMAS CLÍNICAS DESEMPENHO É BOM

Se na maioria dos hospitais públicos do Distrito Federal a falta de estrutura é o mais grave dos problemas, no Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), o que chama a atenção é uma situação, no mínimo, polêmica.

Funcionários comentam que diferenças ideológicas entre alguns profissionais mais radicais estariam sendo colocadas à frente dos pacientes, prejudicando a qualidade do atendimento.

O diretor do HRAN, Evandro Oliveira da Silva, acredita que essa suposta disputa é realmente um obstáculo à prestação de um serviço melhor.

"Infelizmente, existem, sim, os profissionais que se preocupam mais com política do que com o próprio doente", afirma.

Segundo ele, falta para alguns funcionários um pouco mais de boa vontade e bom senso. "Sofri até retaliações políticas quando cheguei, já que não sou dessa regional", comenta o diretor.

A opinião a respeito das disputas, entretanto, não é unânime. Segundo um mé-

dico do hospital, que preferiu não se identificar, não existe nenhum tipo de briga política.

"Esse discurso já é usado há muito tempo para mascarar as reais dificuldades, que são a falta de materiais e a quantidade insuficiente de médicos", protesta.

Com 398 leitos e apenas 18 anos de idade, o hospital da Asa Norte é um dos mais novos do Distrito Federal e ainda não apresenta falhas graves na estrutura física. A condição do prédio é boa, o mobiliário é novo e os aparelhos, geralmente, funcionam bem.

A quantidade de recursos humanos, entretanto, é uma preocupação constante. Em todas as 17 clínicas oferecidas pelo HRAN faltam enfermeiros e auxiliares de enfermagem.

Na Clínica Médica e na Cirurgia Geral, por exemplo, o quadro de funcionários está 60% abaixo do que seria ideal, de acordo com dados da direção.

A situação fica ainda mais difícil com a quantidade de doentes que vêm de fora do DF para serem atendidos no hospital. Na tarde do dia 27 de novembro, quando o Jornal de Brasília visitou a unidade, o Box de Emergência do pronto-socorro, que tem capacidade para dois leitos, recebia simultaneamente cinco pacientes.

Os leitos, dispostos praticamente colados uns ao lado



PACIENTE É ATENDIDO no setor de queimados, onde a qualidade dos serviços é exemplar

dos outros, deixavam a sala apertada e comprometiam seriamente o trabalho da equipe.

"Estamos sempre sobre o

fio de uma navalha. Atendemos muito mais gente do que a estrutura permite. A Clínica Médica, que tem capacidade para 52 leitos, por

exemplo, recebe sempre em torno de 70 pacientes", conta o médico Lélio de Queiroz, chefe do pronto-socorro do HRAN.